



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO *LOBOLO*
NO CONTEXTO URBANO ACTUAL, BAIRRO LUÍS CABRAL-
CIDADE DE MAPUTO**

Por:

Crimildes Francisco Ubisse

Supervisor:

dr. Fernando Manjate

Maputo, Setembro de 2012



PDF Complete

*Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO *LOBOLO* NO CONTEXTO URBANO ACTUAL, BAIRRO LUÍS CABRAL-CIDADE DE MAPUTO

Por:

.....

Crimildes Francisco Ubisse

Supervisor

Presidente

Oponente

.....

.....

.....

Maputo, Setembro de 2012



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Declaração

Declaro que este trabalho de fim do curso, nunca foi apresentado na sua essência, para obtenção de qualquer grau e que ele é resultado da minha investigação por isso está indicado no texto e na bibliografia as fontes utilizadas para a elaboração deste trabalho.

Crimildes Francisco Ubisse

..... ..

Maputo, Setembro de 2012



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

À memoria da minha mãe Laurinda Ubisse, e ao mano Solomão Ubisse

Paz vossas almas

Agradecimento

Esta é a parte mais fácil de redigir, porque escrevo o que quero do jeito como quero e ainda tenho a oportunidade de agradecer a todos que deram a sua colaboração, no processo da minha formação. As minhas sinceras desculpas vão para os que não serão mencionados nesta página, tendo em conta que uma página não cabe para todos.

Primeiro agradeço a Deus do Céu criador de todas as coisas, por ter me cuidado até os dias de hoje. As minhas filhas Jamila e Magda, a mana Meldina que no momento de fadiga deu-me força para levantar e continuar a caminhar.

Ao Dr Fernando Manjate, supervisor do meu trabalho por todos conselhos, todas as correcções, sugestões e disponibilidade demonstrado em todos momentos na concepção e elaboração do projecto até a fase conclusiva do relatório final. E a todos os docentes, as secretarias e funcionários do DAA.

Aos colegas da turma de Antropologia de geração 2008, em especial ao grupo de estudo (4) Rubene, Macuacua, Nhabete, Marquele e Matlava que muito apoio me deram ao longo da minha formação. Aos meus amigos dr António, Magaia, Patrícia, Egas pela manutenção da máquina, pelo apoio e incentivo incondicional e em especial ao Marunga .

Ai vai o meu INKUMO/ KANIMAMBO /OBRIGADO e é extensiva a todos que directa ou indirectamente contribuíram para o meu triunfo.

Índice	Pag.
1.Introdução	1
1.1.Problemática.....	2
2.Métodos e técnicas de pesquisa.....	4
3.Revisão da literatura.....	6
4.Identificação da área do estudo.....	9
5.Apresentação e análise de dados.....	10
5.1.Concepção do <i>lobolo</i>.....	10
5.2.Representações sociais do homem antes e depois de <i>lobolar</i>.....	17
5.3.Representações sociais da mulher antes e depois de ser <i>lobolada</i>.....	18
5.4.Implicações do <i>lobolo</i>.....	19
6.Considerações finais.....	22
7.Anexos.....	24
8. Referencias Bibliográficas.....	28

Resumo

Este trabalho é de carácter qualitativo e procura reflectir sobre as percepções e representações sociais dos moradores do bairro Luís Cabral sobre a prática do *lobolo*. Procura-se igualmente perceber até que ponto esta percepção e representações sociais contribuem para a perpetuação do *lobolo* no contexto urbano actual.

Para alcançar o objectivo deste trabalho, recorreu-se a revisão da literatura, observação participante e a técnica de entrevista semi-estruturada. A perspectiva teórica que orientou a realização deste trabalho foi o interacionismo simbólico.

Dados recolhidos no terreno revelam que a prática do *lobolo* tem um significado importante primeiro para os noivos que passam a gozar de um estatuto privilegiado na sociedade. Segundo para os pais da noiva e do noivo, uma vez que são vistos pela sociedade que lhes rodeia como tendo dado õboa educaçãoõ aos seus filhos e, para os antepassados. Também inferiu-se que a não realização do *lobolo* pode trazer implicações sociais negativas de vária ordem.

Sobre as representações sociais, inferiu-se igualmente que existe um sistema de terminologia usada para designar o genro que não *lobolou* aquele que já *lobolou*, o que desqualifica o genro que ainda não *lobolou*, obrigando-o desta forma a realizá-lo. Uma vez que com a designação de *mukwaxe*, o homem que ainda não *lobolou*, se sente forçado a realizá-lo, no sentido de passar desta condição para a condição de *mukonwana* (genro). inferimos também que os mais velhos desempenham um papel preponderante na perpetuação do *lobolo*, uma vez que, estes aconselham os mais novos a realizar o *lobolo*.

Palavras-chave: Lobolo, Parentesco e Representações sociais

Capítulo I

1. Introdução

O presente relatório é realizado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane.

Tendo em conta os diversos momentos pelos quais o *lobolo* passou, e às diversas explicações e significados a ele atribuídos, neste trabalho proponho-me reflectir sobre o *lobolo* na actualidade, no contexto urbano actual.

De forma específica, fiz o levantamento das percepções e representações que alguns moradores do bairro Luís Cabral/ cidade de Maputo, atribuem à prática do *lobolo*.

Neste estudo, procuro compreender de que forma as percepções e as representações sociais podem explicar a perpetuação do *lobolo* no contexto urbano actual, tendo em conta que as acções das pessoas tem sido orientadas pelas percepções que se têm sobre um determinado fenómeno.

Segundo Moscovici (1978) as representações constituem uma série de opiniões, explicações e afirmações que são produzidas a partir do quotidiano dos grupos. Elas são consideradas como teorias de senso comum, criadas pelos grupos como forma de explicação da realidade, sendo, que as pessoas no seu dia-a-dia vão trocando impressão em torno da realidade que os rodeia.

Acredito que, este trabalho possa contribuir com subsídios teóricos para explicar o lugar do *lobolo* na organização social e a sua importância no contexto urbano. tendo em conta que o mesmo aborda um tema recorrente, uma pratica que é secular mas que é ainda actual nos nossos dias. Embora seja um assunto relativamente debatido creio que nos actualiza no debate sobre a prática do *lobolo* e traz-nos elementos da realidade empírica o que nos permitem identificar e visualizar aspectos da mudança e de continuidade.

Penso igualmente que o estudo possa mostrar como as percepções e representações sociais atribuídos ao *lobolo* entre as famílias envolvidas podem perpetuar a sua prática. Espero trazer um retrato exaustivo das percepções e representações sociais do *lobolo* que poderão servir como uma reflexão alternativa conducente ao melhor conhecimento sobre a actual prática do *lobolo* em Moçambique, particularmente em Maputo.

Assim, o trabalho divide-se em 5 capítulos a destacar: a introdução, onde apresento as linhas gerais do trabalho, a pertinência, e a problematização. Seguir-se-á a metodologia utilizada na recolha de dados e o grupo alvo entrevistado. A seguir a metodologia, tem a revisão da literatura onde mostro as posições que os autores tomam ao longo do tempo, assim como as abordagens que eles empregam e as suas limitações. A seguir a esta parte, faço a identificação da área do estudo.

Seguir-se-á apresentação dos resultados da pesquisa e a análise, no que se refere a concepção do *lobolo*, representação social do homem e mulher antes e depois da efectivação do *lobolo*, e implicações da não realização do *lobolo*. Seguido de considerações finais. E a terminar os anexos e as referências bibliográficas.

1.1.Problemática

Segundo autores como Junod (1996) e Fernando (1996) a prática do *lobolo*¹ remota dos tempos antes do colonialismo chegar em África. De forma particular, o estudo feito por Bagnol (2008) indica que em Moçambique a prática do *lobolo* estava geralmente relacionada com a população camponesa rural e analfabeta e era comumente apresentada como transacção monetária entre as parentelas envolvidas, o que se considerava como òvenda da mulherõ.

Porém, Bagnol (2008), Torre do Vale (2002) e Santana (2009) observam que depois da independência nacional (em 1975), o *lobolo* foi alvo de crítica por parte do governo da FRELIMO, que definiu estratégias que visava erradicar o que considerava valores atrasados da sociedade tradicional, incluindo o *lobolo*.

¹ Fernando (1996) entende que o *lobolo* é uma compensação que tem uma função social com o significado de consideração muito importante, que é a posição da criança dentro da patrilinearidade. Consiste em compensar aos pais da noiva, ou a sua patrilinearidade, com algum bem que pode ser representado simbolicamente por algo material.

Para os autores acima referenciados, nesta época, a FRELIMO considerava que o *lobolo* tinha consequência directa no atraso, ignorância, submissão da mulher, cujas causas eram apontadas: o enriquecimento dos pais às custas do suor das filhas; privação da emancipação da mulher; dependência participativa da mulher em relação ao homem, colocando-a numa situação de venda e compra com fins de procriação e trabalho gratuito. As mulheres eram vistas como objecto de transacção comercial, razão pela qual o *lobolo* tinha que ser extinto imediatamente.

Como o desafio era de se eliminar a prática do *lobolo*, o combate contra os valores considerados atrasados passou a figurar uma missão prioritária para as elites políticas locais. Porém, alguns pais estavam contra o combate do *lobolo*, o que fazia com que se praticasse clandestinamente.

De acordo com Santana (2009) a IV Conferência da OMM (organização da mulher moçambicana) realizada em 1984, foi um marco importante para a reintegração do *lobolo*, dado que foi admitido como uma das formas de casamento, uma vez constatado que a sua prática atingia a maioria das famílias e que era por meio dele que a nova união conjugal se legitimava perante o público.

Apesar da sua reintegração em 1984, e da grande importância que tem na região sul de Moçambique, no dia-a-dia ouve-se explicações divergentes no tocante as percepções e representações sociais do *lobolo*, onde é considerado de grande importância. Ainda é conotado como venda da mulher. Tal como se referiu Da Costa (2005: 207,208) o *lobolo* é visto como um acto condenável através do qual as mulheres são compradas e vendidas, simultaneamente como algo positivo que sanciona e dá estabilidade as uniões.

Contudo, há poucos estudos que reflectem sobre estas percepções e representações sociais do *lobolo* no contexto urbano actual. Dai que, este estudo procura compreender de que forma os significados e as representações sociais podem explicar a perpetuação da prática do *lobolo* no contexto urbano actual.

Capítulo II

2. Métodos e técnicas de pesquisa

Este trabalho é de carácter qualitativo no qual pretendo fundamentalmente buscar crenças, valores, percepções e representações sobre o *lobolo*. Como lembra Denzin et al (2006) a abordagem qualitativa de problema além de ser uma opção do investigador, justifica-se por ser uma forma adequada para se entender a natureza de um fenómeno social.

Neste trabalho auxiliei-me ao interacionismo simbólico que segundo Da Ponte (s/d) adverte que a sua utilização permite que a pesquisa qualitativa cumpra o objectivo de investigar o sentido que os actores sociais dão aos objectos, pessoas e símbolos com os quais constroem o seu mundo social. Isto significa que, ao confrontar o mundo de objectos que o rodeia, ele deve interpretá-lo a fim de agir. Assim, o interacionismo simbólico é uma das formas de se interpretar as percepções das pessoas, o significado e o sentido que eles dão às coisas e como estes relatos se relacionam com as experiências vivenciadas.

Assim o trabalho tem como propósito fundamental descrever e compreender o sentido constitutivo das formas existentes de realidade social e não de as julgar, avaliar ou condenar. E o objecto do estudo são as percepções e representações sociais atribuídos pelos moradores do bairro Luís Cabral à prática do *lobolo*, no contexto urbano actual. As técnicas de recolha de dados usadas nesta pesquisa incluem a observação participante, entrevista não estruturada, análise de dados largamente realizada através de análise de discurso, e imagem (fotos) estática.

Numa primeira fase, fiz a revisão da literatura que de acordo com Richardson (1989) permite entrar em contacto com as obras publicadas que reflectem sobre o assunto que se pretende pesquisar. A procura foi feita junto às bibliotecas Brazão Mazula, do CEA (Centro dos Estudos Africanos), Departamento de Antropologia e Arqueologia, igualmente fiz a consulta na Internet.

Depois da revisão da literatura, fiz entrevistas não-estruturadas que segundo Richardson (1989) é uma técnica muito poderosa, particularmente para detectar atitudes, motivações e opiniões dos entrevistados. Esta técnica ajudou-nos a captar informações sobre o *lobolo*, no que concerne aos significados e representações sociais que moradores atribuem ao *lobolo*, e o que influencia para a

sua prática. Estas entrevistas foram direccionadas às pessoas que supõe-se que tenham informações subsidiárias a cerca do assunto em pesquisa.

E me permitiram ter informações adicionais no que lia na literatura. Conversei com homens e mulheres que viveram com suas esposas e seus esposos antes e depois de *lobolar/loboladas* (informantes-chave), o que me permitiu traçar as suas trajectórias, sobre como eram tratadas antes e depois de realizar o *lobolo*. Os entrevistados neste trabalho são provenientes da cidade de Maputo, província de Maputo, Gaza e Inhambane.

Aos *madodas*² e *massungacates*³, colhia informações sobre como é que eles concebem o *lobolo* e quais eram as percepções e representações sociais que atribuíam a esta prática.. Estes informantes, tinham idades compreendidas entre 35 a 70 anos de idade.

Nas técnicas, fiz recurso à bola de neve que de acordo com Burgess (2001) liga-se ao conhecimento por parte do investigador de uma dada situação social, esta técnica envolve um pequeno grupo de informantes a quem é pedido que ponham o investigador em contacto com os seus amigos, os quais são subsequentemente entrevistados, pedindo-lhes que indiquem outros amigos a entrevistar e assim em diante.

De referir que no primeiro dia, procurei a chefe do quarteirão 0690, e informei-a a cerca do trabalho que eu tinha por fazer naquele quarteirão. Esta é que me indicou e apresentou as pessoas com quem podia conversar, nesse caso os tidos como *madotas* e *massungacates* do quarteirão. Como estratégia de aproximação com os entrevistados, antes do dia da conversa chegar, fazia visitas e procurava saber sobre a disponibilidade do tempo para conversar sobre o *lobolo*. Dependendo da vontade da pessoa, marcava o dia para conversa. A indicação foi baseada nas pessoas que tem participado mais nessas cerimónias.

A chefe do quarteirão informou me sobre uma cerimónia do *lobolo* que teria lugar no dia 17 de Setembro no bairro. Ela foi comigo a casa do noivo e me apresentou a ele. Na ocasião pedi ao noivo para presenciar da cerimónia. Junto ao noivo confirmei o dia da realização do *lobolo*.

² Língua *xichangana* que designa indivíduos do sexo masculino, que se supõe que sejam pessoas responsáveis e com boa capacidade de intervenção nas reuniões, e com boa capacidade retórica

³ Língua *xichangana* que designa pessoas do sexo feminino que se supõe que sejam responsáveis, boas conselheiras

É de salientar que as entrevistas eram feitas aos Sábados, dado que para os entrevistados durante a semana era complicado. E todas as conversas foram feitas na casa dos entrevistados e foram individuais. Outro ponto tem a ver com o dia da realização do *lobolo*. O que se verificou foi uma escolha aleatória dos entrevistados visto que na hora tinha que ter esclarecimento sobre algumas acções em observação.

Capítulo III

3. Revisão de literatura

A luz da revisão da literatura, podemos dizer que o *lobolo* é objecto tradicional da Antropologia e está ligado aos estudos do parentesco e de acordo com Revierè (1975) o parentesco se define como um conjunto de laços que unem geneticamente (filiação, descendência) ou voluntariamente (aliança, pacto de sangue), um determinado número de indivíduo. Salienta que muitos destes estudos tiveram lugar entre os anos 1920 e 1970, e centrando-se sobre a terminologia do parentesco, aliança matrimonial, casamentos e filiação.

Desta forma, para, Bagnol (2008) o *lobolo* e as instituições afins de compensação matrimonial são hoje um tema quase tradicional em antropologia, tendo merecido diferentes interpretações por parte dos antropólogos clássicos. Em Moçambique existe uma literatura significativa sobre o *lobolo*. Estes estudos, abordam, mas não sobre as percepções e representações sociais.

De acordo com Fernando (1996: 24) na prática do *lobolo* em diferentes períodos foram valorizados vários objectos: no período pré-colonial ã... A compensação baseou-se na oferta de sementes que simbolizava a fertilidade; ãem esteiras e objectos de vimes, em tempos remotos em que o branco não tinha ainda aparecido; ãJunod (1996: 254); ãdepois enxada, gado, libras de ouro e actualmente concentra-se mais em bens e dinheiro ao vivo; ã(Fernando, 1996: 25).

Por outro lado, Bagnol (2008) e Fernando (1996) tomam em consideração o papel da instituição, mostrando que em Moçambique, o *lobolo* constitui uma prática importante, principalmente para

a zona sul do país. Isto deve-se ao facto do *lobolo* permitir estabelecer uma comunicação entre os vivos e os seus antepassados e o restabelecimento da harmonia social. O *lobolo* inscreve o indivíduo numa rede de relações de parentesco e de aliança tanto com os vivos como com os mortos, para além de que dá segurança a criança e a protecção da mulher no lar.

Numa posição similar a Bagnol, Loforte (2000) observou que o *lobolo* tem uma função importante na concretização da união matrimonial, onde a oferta da compensação matrimonial pela família do noivo é o elemento básico. E constatou que:

“ Para os pais, o lobolo é um meio de determinar ou verificar se o noivo ou a sua família possuem os meios ou património que lhes permita sustentar a filha; o lobolo encoraja os jovens a trabalharem arduamente para obter e, conseqüentemente, a respeitar a mulher como um bem que não é facilmente adquirida, e para a sua obtenção foi necessário grande empenho e dedicação. Salienta que a pressão social desempenha um papel importante sobre os parceiros impedindo que os conflitos conjugais degenerem em ruptura”.

Enquanto para Granjo (2005) na actualidade existem diferentes formas de reapropriação da prática do *lobolo*, visto que esta instituição adquiriu uma variedade de novos significados, mas manteve sua relação com a ancestralidade, aspecto fundamental para o entendimento da sua sobrevivência até os dias actuais.

As diferentes abordagens identificadas na literatura sobre o *lobolo* podem ser agrupadas, de acordo com as suas tendências: a primeira que pode ser considerada é instrumentalista, empregue por Cipire (1996) no estudo do casamento patrilinear na zona sul de Moçambique, onde constatou que na origem do *lobolo* está o valor que em África é dado à mulher⁴.

Em segundo lugar, temos a visão historicista empregue por Santana (2009) que dá conta das transformações ocorridos nos significados e nas representações sociais e às críticas do *lobolo* em Moçambique. De esta autora:

⁴ Para Cipire (1996) o lugar da mulher no lar é de trabalhar a machamba.

“Para alguns o lobolo era visto como uma forma de legitimar o casamento e uma prática inofensiva; para outros significava uma compra da mulher com fins de procriação e trabalho gratuito, devendo ser extinto mediante um processo de educação. O lobolo era importante para a administração colonial porque a sua realização implicava a posse de várias cabeças de gado por esposa. E, na caderneta de cada trabalhador, era obrigatório constar o número de esposas que possuía (Santana, 2009: 87).

Por último, podemos considerar a existência de uma abordagem economicista empregue por Torre do Vale (2002) e Junod (1996) que olha para o *lobolo* como uma transacção comercial, na qual a mulher é comparada com objectos de venda. Para estes autores a mulher pode ser comprada pelos bois, enxadas ou outros objectos simbólicos.

Torre do Vale (2002: 4) considera ainda que ão *lobolo*, representa a transmissão do trabalho da mulher, da casa do pai para a casa do marido. Na cultura africana, isso é uma prova de que o noivo tem alto apreço pela noiva. Quanto mais preparada, prendada, estudada, maior é o valorö. Para este autor, o *lobolo* tem como objectivo negar à mulher o controle sobre os direitos de propriedade.

Palha (2006) também vê o *lobolo* como sendo uma prática que tem um significado negativo nas relações sociais entre homens e mulheres, o seu significado contribui positivamente na estruturação de poderes que sustentam a contínua subalternidade feminina.

Posição contrária, a esta, encontra-se no documento redigido pela Liga Dos Direitos Humanos, onde trata ãdos *direitos de mulher no Moçambiqueö*. Aqui refere-se a nova lei da família que estabelece uma total igualdade de género perante a lei, casamento, divórcios, guarda das crianças, bem como a divisão de bens no casamento.

De um modo geral, as visões economicista e instrumentalista, dão-nos explicações parciais no que se refere ao significado do *lobolo*, uma vez que em conjunto podem explicar a razão do *lobolo*, embora cada uma possa ser significativa dependendo do contexto. Contudo, a abordagem funcionalista tende a considerar o aspecto ligado a ancestralidade como sendo um factor importante para a sua sobrevivência do *lobolo*.

A literatura mostra que o *lobolo* é realizado mais para os antepassados. Neste trabalho, dá-se ênfase as pessoas que presenciam o *lobolo*. Uma vez que elas consideram-se protagonistas da realização do *lobolo*, e se beneficiam dos bens materiais. Face às situações acima descritas, no que tange às percepções e representações do *lobolo*, percebi que as abordagens identificadas divergem quanto aos significados do *lobolo*, o que dificulta a compreensão sobre a perpetuação desta prática. O que resulta na minha inquietação para tentar compreender o que contribui para a sua perpetuação.

Capítulo IV

4. Identificação da área do estudo

O bairro Luís Cabral tem uma área de 254 hectares e encontra-se situado no distrito municipal *Kamubukwana*, na cidade de Maputo. A Norte separa-se do bairro do Jardim pela linha-férrea; a Sul faz fronteira com o distrito municipal *Ka Nlhamanculo* pela Avenida de *Namaacha*, zona dos Caminhos-de-Ferro de Moçambique e o estuário de Maputo; a Este faz fronteira com os bairros de Chamanculo C e a Unidade 7 pela Avenida de Moçambique e a Oeste faz fronteira com a cidade da Matola através do rio Malaúse.

De acordo com o censo populacional de 2007, o bairro tem oitenta e três (83) quarteirões e, uma população de trinta e três mil e oitocentos (33.800) habitantes. De referir que maior parte dos residentes deste bairro, são provenientes das províncias de Inhambane, Gaza e Maputo província. Este bairro é igualmente designado *Xinhembanine* por se considerar que a maior parte das pessoas que viviam nele eram provenientes da província de Inhambane.

Nome que veio a ser mudado aquando da visita efectuada pelo primeiro presidente de Moçambique independente Samora Moisés Machel em 1977, acompanhado por Luís Cabral,

antigo presidente de Guiné-Bissau. A partir desta visita o bairro ficou com o nome Luís Cabral⁵. Temos a referenciar que o estudo foi feito nas células ãHõ e ãIõ, quarteirões, respectivamente.

Quanto à habitação o bairro caracteriza-se por casas de madeira e zinco, casas de alvenaria e outras são feitas a caniço e zinco. Neste bairro tem água e corrente eléctrica.

Capítulo V

5. Apresentação e análise dos dados

Nesta parte, irei desenvolver a discussão dos aspectos ligados a literatura e os dados recolhidos no terreno, no que tange as percepções e representações sociais do *lobolo*, implicações e os factores que influenciam a sua prática. Mostrarei as concordâncias e discordâncias sobre o que a literatura defende com o que colhi no terreno.

5.1. Concepção do *lobolo*

Para alguns moradores do bairro em estudo, o *lobolo* é concebido do ponto de vista da sua utilidade social: por um lado, concebem o *lobolo*, a partir da sua importância para o casal em união, na medida em que se considera que o casal que realiza o *lobolo*, passa a gozar de um estatuto social privilegiado na sociedade.

Por outro lado, é visto como ocasião que se procede a comunicação entre os vivos e os antepassados, não só, mas também é oportunidade de reencontro entre os parentes que vivem próximos e distante. Outra percepção é de que os pais da noiva ficam honrados por saber que a filha terá acatado a educação que deram. Tal como se pode ler nas palavras de um informante que:

ãO lobolo é uma cerimónia muito importante, primeiro para o casal em união, segundo para nós como pais dos noivos. Nós presenciamos e temos tarefa de comunicar aos defuntos pedindo protecção a nova união. Nós mostramos a nossa alegria no dia da

⁵

Segundo António Agapito da Silva, secretário substituto da sede do bairro Luís Cabral

realização do lobolo. Para além de que no dia da realização do lobolo, conseguimos nos reencontrar com os parentes que vivem distante, que não nos vemos com facilidade, por causa do custo de vida ”⁶.

A comunicação com os defuntos é a ocasião para a realização da quarta obrigação referente às dádivas dos homens aos deuses e aos homens que representam os deuses. Que para Mauss citado por Godelier (1996: 41) ãinclui portanto, na categoria das dádivas as oferendas feitas aos espíritos e aos deuses, os sacrifícios são dádivas aos mortos, aos espíritos, aos deuses, mas o sacrifício tem uma capacidade de segundo Maus exercer pressão sobre deuses, obrigando-os a retribuirõ.

No dia do *lobolo*, os representantes da família do noivo se reuniram para a confirmação dos produtos que iam levar para casa da noiva. Os indicados para irem a casa da noiva foram: um ancião irmão do pai do noivo, e a sua esposa, uma irmã mais nova do noivo com seu marido, duas *massungacates* e dois *madotas* vizinhos do noivo, um primo paralelo e sua esposa e eu como investigadora.

O noivo tirou a lista dos produtos que estavam inscritos para a efectivação do *lobolo*, que incluía entre outros produtos os seguintes: um fato completo para o pai (calças, camisa branca, meias, sapato, chapéu, e bengala), saia, casaco, lenço, duas capulanas e um *mukume*, para a mãe, duas capulanas para as duas irmãs da noiva, uma para a tia uterina da noiva, e três lenços para estas, roupa da noiva, que inclui colara, bolsa, saia e blusa, e brincos, um garrafão de vinho tinto, uma garrafa de vinho branco de 750mml, dois fracos de rapé, uma caixa refresco, e uma de cerveja, dinheiro de 5000Mt.

Saímos em direcção a casa da noiva a entoar canções, tais como *hi lava xaca la moya*, que traduzido fica queremos parente espiritual. chegada a casa da noiva fomos recebidos com a seguinte canção, *va masseve yi nguenani yi kola kaya*, que traduzido fica, comadre entrem e aqui em casa.

⁶

Segundo Cossa de 68 anos, no dia 6 de Agosto de 2011, em sua casa

Depois da recepção fomos indicados uma casa onde entremos e ficamos. Momentos depois entraram dois casais que vieram nos saudar. O nosso porta-voz, disse que estávamos naquela casa para a realização e o cumprimento do que tínhamos combinado para o *lobolo*. De seguida os representantes da noiva chamaram na, para vir dizer alguma coisa acerca da nossa presença. Esta estava acompanhada por três amigas. E foi perguntada se nos conhecia, e ela respondeu que sim podiam nos receber e levar o que traziam.

De seguida o nosso porta-voz tirou a lista e os representantes da noiva também fizeram o mesmo e começou a confirmação. Depois disto, os representantes de casa levaram os produtos para fora onde estava toda a comitiva presente na festa, para mostrar o que a família da noiva trouxe. Feito isto, seguiu-se o momento em que o representante da noiva perguntou a noiva a quem daria o dinheiro. Esta por sua vez gatinhou de joelho do sitio onde estava em direcção aos seus pais e disse *dana papai ni tayi tirela*, que significa come papai hei de trabalhar por ele. Depois os pais foram vestir a roupa trazida pelos representantes do noivo e fizeram demonstrações, e os presentes aplaudiram naquele momento.

Terminado isto, presenciei o momento em que se tirou o cabrito⁷ em casa da noiva para dar os parentes do noivo. Os representantes do noivo sacrificaram o cabrito na casa da noiva e dividiu-se ao meio, metade ficou em casa da noiva e outra metade levou-se para casa do noivo. Este acontecimento repetiu-se no Domingo em casa do noivo, quando a delegação da noiva acompanhava-a. De salientar que a carne dada aos familiares do noivo não se consumiu em casa da noiva, mas sim em casa do noivo depois de uma apresentação aos que esperavam a notícia sobre como terá decorrido ao *lobolo*. o mesmo aconteceu com a carne dada em casa do noivo aos representantes da casa da noiva quando lhe acompanharam.

Segundo os informantes, este sacrifício tem duas dimensões: a primeira é a pedido de protecção aos antepassados no qual se derrama o sangue. No segundo momento, comungam metade para a família da noiva e outra para a do noivo, como símbolo de união entre as famílias envolvidas.

7

Ver nos anexos a foto 4, o animal que a família do noivo recebeu para sacrificar em casa da noiva

Também observei a oração que os familiares do noivo fizeram antes de sair da casa do noivo para casa da noiva, que segundo eles, era pedido de bênção a Deus e aos antepassados. Isto, poderá significar o que Godelier (1996) explica:

Notemos aqui que dar a superiores não implica necessariamente que estes sejam seres humanos. Em todas as sociedades vemos humanos a fazerem dádivas a seres que consideram como superiores, autoridades divinas, os espíritos da natureza ou espíritos dos mortos. Dedicam-lhes preces oferendas, e por vezes até lhes sacrificam bens ou uma vida. Mas atentemos no facto de uma dádiva ser um acto pessoal. É por essa razão que, seja qual for o tipo de sociedade considerada, hierarquizada ou não, a dádiva está presente em todos os domínios da vida social em que as relações pessoas continuam a desempenhar um papel fundamental.

Contudo, de acordo com outro informante, o *lobolo* é uma cerimónia que simboliza a união de dois grupos de famílias por aliança. E o homem que *lobola* passa a gozar de muitos direitos na família da sua mulher. Como se pode ler no trecho a seguir:

*O lobolo é o símbolo de união entre a família da mulher e do marido, mostra o valor de estar legalmente no lar e proporciona alegria aos pais do noivo assim como da noiva. Quando o homem lobola, passa a ser considerado como um dos parentes da mulher. E passa a ter o direito de opinar, dar sugestões até pode participar e liderar as cerimônias e reuniões em casa da mulher*⁸.

Para alguns moradores do bairro em estudo, a compensação que se faz para a família da mulher, não pode pagar no sentido verdadeiro da palavra, nem compensar o trabalho que a família teve de gerar, criar, e educar uma filha, mas sim é o reconhecimento aos pais da noiva que geraram e cuidaram dela até a fase em que se torna mulher. Um informante disse:

“O dinheiro que sai no dia da realização do lobolo, é um acto simbólico que herdamos dos nossos pais, não é pagamento. Dizer que é pagar não é verdade, porque não crio minha filha para ganhar algum dinheiro no dia que é lobolada e eu crio meus filhos de igual maneira, não dou educação diferente no sentido de dizer que este é mulher devo lhe

⁸

Sebastião de 63 anos, no dia 13 de Agosto de 2011, em sua casa

criar dando lhe mais ou menos privilegio por saber que um dia vou cobrar. O dinheiro para pagar no sentido verdadeiro de comprar uma mulher seria tão elevado, pelos cálculos feitos. Para falarmos de pagar começaríamos por contar os nove meses que a mãe fica, com enjoos e vômitos se for o caso, doenças para lá e para cá, entraríamos nas contas desde o dia que ela nasce e começa a gatinhar, não querendo falar de todas as fazes de uma criança e sua educação”⁹.

A observação feita por Revierè (1975: 73) segunda a qual ã a parte paga aos pais da noiva constitui para eles uma indemnização pela privação dos serviços agrícolas e caseiros que a filha desempenharia caso ficasse com eles, não se aplica no contexto em estudo, tendo em conta as declarações acima feitas.

De igual modo, a concepção do *lobolo*, dada por um dos informantes deste trabalho, *contrasta* de certa forma as concepções de Junod (1996) que associa o *lobolo* à compra da mulher, onde afirma que ãdez enxadas eram o preço normal do *lobolo*, com dez punhados bastava para comprar uma mulher. Quaisquer que tenham sido os artigos empreguem a princípio, os bois passaram a ser o meio habitual de pagar o preço da mulher.

E autores como (Evans-Pritchard, 1931; Gluckman, 1950; Fallers, 1957; Gray, 1960; Fortes, 1962; Goldschmidt, 1974) para quem o *lobolo* significa a compra das capacidades reprodutivas da mulher.

No decurso do trabalho no terreno, pode constatar alguns casos de independência da mulher *lobolada*. Mesmo estando no lar, continua ajudar os seus pais. Esta ajuda não termina pelo facto de ser *lobolada*. A este respeito pode se ler o seguinte:

“Meu marido me encontrou a trabalhar como educadora e ajudava os meus pais. Até agora que fui lobolada, continuo a mandar produtos até dinheiro para eles. Ele nunca me disse para deixar de lhes ajudar. Até em algum momento ele também contribui com algo para dar os meus pais. Os meus familiares quando vem fazer visita ficam à vontade porque as duas famílias se conhecem formalmente”¹⁰.

⁹ Na conversa com Sebastião 63 anos, dia 13 de Agosto no bairro Luís Cabral

¹⁰ Conversa com Cacilda de 42 anos, no dia 8 de Outubro de 2011, na sua casa, bairro Luís Cabral

As informações acima referenciadas também contrariam o pensamento da Wilsa (1998) para quem o *lobolo* implica a transferência de poderes da família da mulher para família do marido, responsabilizando-os pelo seu sustento e tornando-a como õpropriedadeö colectiva da nova família, encontrando a desigualdade legitimado pelo *lobolo*.

No terreno constatei também que, existe a concepção segunda a qual a realização do *lobolo* é influenciada por vários motivos dos quais serão mencionados os seguintes: uns realizam o *lobolo* porque os pais lhes aconselham, neste caso, há que referir o papel desempenhado pelos mais velhos na realização do *lobolo*. Outros ainda associam a realização do *lobolo* que se liga ao infortúnio, e outros ainda associam a uma festa para o reconhecimento entre as duas famílias. Um informantes revelou que:

õEu realizei o lobolo, porque os meus pais me aconselharam que não era bom viver com uma mulher sem ter feito algo em sua casa. Dai que quando consegui o dinheiro fui lobolar, e os meus pais e os pais dela se reconheceram e foi bonito. Eu acho que em parte é bom. Querendo acreditar que no caso de problemas em casa, qualquer que seja nos reuniremos e trataremos sem problemas, porque nos conhecemosö¹¹.

Também constatei no terreno, casos em que os pais ainda vivos reclamam pela realização do *lobolo* da filha. A este respeito pode-se ler o seguinte:

õEu e o meu pai não nos dávamos bem, antes do meu marido me lobolar. Por exemplo, se minha filha ficasse doente por um tempo prolongado, ia consultar, e as profecias diziam-me que meu pai tem rancor comigo. A volta ia ter com ele com algumas coisas que eu comprava para o tratamento da criança, mas ele sempre se recusava a fazer esse tratamento. Mesmo depois de me lobolar, o meu marido já não se dá bem com o meu pai. Porque meu pai negou fazer um tratamento para eu ter mais filhos. Já depois de me

¹¹ Segundo Pedro de 49 anos, no dia 20 de Agosto de 2011, na sua casa no bairro Luís Cabral

lobolar não consigo ter mais filhos só tenho uma filha. Quando me lobolou, não tivemos a sorte de ter mais filhos, e agora a idade já não me permite¹²

Na óptica de alguns dos informantes, há certos aspectos a serem observados para que o *lobolo* seja legítimo. Por esta razão, existem alguns objectos indispensáveis para a sua realização. No acto entrega-se o valor¹³ do *lobolo*, as roupas dos pais e outros elementos que fazem parte do mesmo acordo. Estas observações são corroboradas pelas informações de um dos informantes, que para ele:

“O lobolo é celebrado no momento em que se tira os objectos que foram acordados para se realizar o lobolo, tais como: o dinheiro, as roupas para os pais, e outros objectos que estão escritos na lista que se envia para a família do noivo. Sem a apresentação destes objectos o lobolo não é válido, mesmo que o casal viva muitos mais anos, os pais da mulher não reconhece o genro. Porque esta maneira de fazer o lobolo não é de hoje, nascemos e encontramos e vamos deixar para os nossos filhos ”¹⁴.

Desta forma, ainda fica claro que entre os moradores do bairro em estudo, um homem pode viver muito tempo com sua esposa antes de entregar o *lobolo*, contudo a união não é legítima nem é reconhecida, principalmente pelos parentes da mulher. Como se pode ler a seguir:

“O lobolo justifica a união do casal. Considera-se que o homem que não lobola, não tem boca nem vista para ver algo que possa acontecer na vida do casal, a mulher pode abandonar o lar, o marido não tem direito de lhe seguir porque não é conhecido na família da mulher¹⁵”.

A questão sobre a legitimidade do *lobolo*, foi igualmente referida por Augé (1975) e realçava que existem alguns bens ou serviços que podem ser considerados como prestações indispensáveis, sem os quais o casamento não pode receber a consagração legal. E Radcliffe-Brown e Forde

¹² Conversa com Amélia de 38 anos, no dia 10 de Setembro de 2011, em sua casa no bairro Luís Cabral

¹³ Ver foto 2, 3 e 4 nos anexos, que corresponde o momento da entrega do valor acordado para a realização do *lobolo*

¹⁴ Conversa com Mufundissa de 61 anos, no dia 1 de Outubro 2011 em casa dele no bairro Luís Cabral

¹⁵ Estas informações foram dadas por Mário de 70 anos, no 24 de Setembro de 2011 na sua casa no bairro Luís Cabral

(2005 [1950]) acrescentam ainda que na maior parte dos casamentos africanos como inglês antigo, o pagamento a realizar em bens constitui a parte essencial para o estabelecimento da legalidade.

5.2. Representação social do homem antes e depois de *lobolar*

Dados recolhidos no terreno revelam que existe um tratamento diferenciado do homem antes e depois de *lobolar*. Existem homens que são chamados por *mukwaxes*¹⁶ e os que são chamados *muconwanas*¹⁷. Estas classificações decorrem da realização ou não do *lobolo*.

Esta diferenciação é feita por parte dos parentes da mulher no sentido de identificar a real condição que um genro tem dentro da família. E segundo alguns informantes a condição de *mukwaxe* pode forçar o homem a realizar o *lobolo*. Um informante falava sobre a pressão social¹⁸ que sofria antes de realizar o *lobolo*, o que de alguma forma contribuiu para que ele realizasse o *lobolo*. Este revelou que:

*“Antes de lobolar minha mulher, se decorresse uma cerimónia em casa dela, os pais, lhe chamavam e informavam acerca do assunto, no sentido de que devia ser ela a me comunicar, porque os pais não me reconheciam, e assim não podiam formalizar a solicitação. Quando lobolei, a situação mudou, em caso de cerimónia, mandam um membro da família para vir em casa avisar sobre o que vai acontecer”*¹⁹.

Outro informante frisou que:

“Antes de lobolar, era considerado mukwaxe em casa da minha esposa. Passei a não participar nas cerimónias da casa dela, porque um dia os pais dela lhe chamaram para sua casa, sem o meu consentimento, e quando ela voltou procurei saber o que ia fazer, e teria me respondido que os pais iam lhe informar sobre uma cerimónia que iria decorrer e queriam que nós estivéssemos presentes. No dia do encontro, nós chegamos

¹⁶ Língua local para designar um homem que vive com sua mulher que ainda não *lobolou*

¹⁷ Língua local que designa o genro, e sinal de que este já *lobolou*

¹⁸ Ver Loforte (2006: 131) que fala no sentido mais amplo sobre a pressão social que desempenha um papel importante sobre os parceiros impedindo que os conflitos conjugais degenerem em ruptura

¹⁹ Conversa com Pedro de 49 anos, no dia 20 de Agosto de 2011, na sua casa no bairro Luís Cabral

cedo antes dos outros genros da casa chegarem. O pai dela falou para mim com voz baixa que tinha que entregar cadeira a um dos genros que atrasou na cerimónia, daí mesmo passei a não frequentar mais as reuniões da família dela²⁰.

Um dos informantes que passou por esta fase contou que:

Um dia fiquei muito chateado quando minha cunhada me chamou de mukwaxe na presença de muitas pessoas, primeiro porque ela sabia que eu fazia tudo pela família dela. E eu sem me aperceber quis me defender, dizendo que não podia ser ela a me tratar daquela maneira, mas ela insistiu que a realidade era a que estava a dizer. E algumas pessoas que estavam perto de nós secundaram que realmente eu era mukwaxe antes de lobolar. Que não é por aquilo que faço pela por pela família da minha mulher que me tornar muconwna, mas sim depois de lobolar. Quando lobei passei a gozar de um estatuto social de genro no verdadeiro sentido²¹.

5.3.Representação social da mulher antes e depois de ser lobolada

Na percepção de alguns moradores do bairro Luís Cabral, uma mulher que vive com seu marido antes de ser lobolada tem menor prestígio social diante das que foram loboladas. À situação que a mulher vai ao lar nas condições não formais é designada *kutilhuva*²². Segundo alguns informantes, muitas uniões acontecem por via de *kutilhuva*, e mais tarde o casal realiza o *lobolo*. Tal como se pode testemunhar das palavras da nossa informante:

“ Eu comecei a viver com meu marido antes de me lobolar. Antes dele me lobolar tinha vergonha de entrar em casa do meu pai, pois as minhas tias gozavam-me, dizendo que estou perdida, e não sabem onde estou. Pior se for nos dias das cerimónias que me encontrava com minhas irmãs e primas que foram loboladas. Eu era considerada como alguém que

²⁰ Conversa com Vasco, 52 anos no dia 27 de Setembro de 2011, na sua casa no bairro Luís Cabral

²¹ Estas informações foram dadas por Fernando de 49 anos, no dia 22 de Outubro no bairro Luís Cabral.

²² Língua local para designar uma mulher que foi para o lar sem as devidas formalizações, pelo namorado

saiu de casa sem despedir e se juntar com um homem qualquer, que a qualquer momento podia me chutar de volta a casa dos meus pais. Quando me lobolou ganhei um tratamento diferente do dantes, tanto em casa de papá assim como no lar”²³.

Uma outra informante revelou que:

Não tive a sorte do meu marido me lobolar, antes de viver com ele. Antes de me lobolar eu passei muito mal. Sofria de doenças e quando fosse em casa do papá, este dizia para que depois de eu estar curada tinha que ficar de vez não voltar mais para casa do meu marido. Porque os defuntos estavam a minha procura e me mandavam de volta para casa. Meu marido acabou por me lobolar quando a doença parou. Antes do lobolo, e tinha a imagem de quem não respeita os pais e que pulou o murro para ir ao lar. Mas quando me lobolou, mudei logo a imagem que tinha de quem salta a janela para quem saiu da porta. E passei a ser referencia para as minhas amigas que eram antes de serem loboladas. Apesar de ganhar uma nova imagem, deixei de frequentar alguns sítios como discotecas e algumas amigas me abandonaram. De importante ganhei o respeito onde nasci e no lar. Mas lar, é lar, nem todos ficam satisfeitos em casa do meu marido.

5.4. Implicações da não realização do lobolo

De acordo com os dados do terreno, a não realização do lobolo, tem implicações de vária ordem: num primeiro momento é a honra de um homem que pode ser posta em causa. E caso uma das filhas desse homem seja lobolada, os bens que os pais pedem vão para a mãe e a sua família. Sobre este caso um informante contou que:

“O meu irmão viveu situações complicadas, porque não tinha lobolado a minha cunhada, tiveram filhos e no dia em que se lobolou uma das filhas houve uma confusão. O meu irmão queria levar o dinheiro para o seu uso, e os familiares da esposa diziam que uma vez que ele não tinha lobolado a sua esposa, não tinha direito de levar o lobolo da neta,

23

Entrevista com Marta de 44 anos de idade, no dia 3 de Setembro em casa dela, no bairro Luís Cabral

pois eles também não tiveram o dinheiro do lobolo da filha. Assim sendo o dinheiro do lobolo da minha sobrinha foi entregue a minha cunhada e esta entregou a família dela, só depois é que deram uma parte ao meu irmão”²⁴.

Ainda sobre a honra de um homem que não lobolou a sua mulher Godelier (1996: 22) sustenta que:

“A dádiva pode opor-se a violência directa, à subordinação física material e social, mas também substitui-la. Há muitos exemplos de sociedades em que os indivíduos, incapazes de honrar as suas dívidas, se vêem forçados a reduzir-se, ou a reduzir os seus filhos, à escravatura, acabando por tornar-se propriedade, a coisa daqueles que lhes concederam as suas dádivas”

Alguns dos informantes referenciaram que existem famílias que exigem a realização do lobolo a uma mulher morta, a este respeito um informante testemunhou que:

“ Eu assisti um caso de um homem que perdeu a esposa antes de lhe lobolar. Os pais da esposa exigiram que a filha não fosse enterrada antes de se realizar o lobolo. Estas implicações deram-me a lição que era importante fazer o lobolo para evitar possíveis constrangimentos que podem acontecer ao longo da vida conjugal. Feito o lobolo senti-me aliviado, já tinha cumprido a missão que tinha para com a família da minha mulher”²⁵.

O lobolo tem tido implicações, igualmente dentro da família do noivo, provoca mudanças que alteram a estrutura das relações entre pais e filhos. Uma informante disse que:

“Quando o meu filho não era casado, o dinheiro para as despesas de casa por vezes entregava a mim ou a suas irmãs, quando casou, o dinheiro passou para a sua mulher. Vejo muitas vezes que existe uma limitação entre meu filho casado com os seus irmãos, tendo em conta que as noras de agora preferem sair de casa irem viver sozinhos como

²⁴ Conversa com Mufundissa de 61 anos, 1 de Outubro de 2011 no bairro Luís Cabral, no dia em casa dele

²⁵ Estas informações foram dadas pelo Mário de 70 anos, no dia 17 Setembro de 2011 na sua casa no bairro Luís Cabral



PDF
Complete

Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

um casal em vez de continuar em casa dos pais. Os irmãos do meu filho evitam entrar no quarto do seu irmão, o que acontecia dantes.”²⁶.

²⁶

Conversa com Maria de 50 anos, no dia 15 de Outubro de 2011, na sua casa

6. Considerações finais

No presente trabalho propôs-me estudar as percepções, e as representações sociais que os moradores do bairro Luís Cabral atribuem a prática do *lobolo* no contexto urbano actual. Com o objectivo de compreender de que forma as percepções e as representações sociais podem explicar a perpetuação do *lobolo*. Através do interacionismo simbólico, procurei ter uma visão do mundo dos moradores do bairro em estudo, vivenciado pela suas experiências, que mapeiam uma linha de acção que consiste em considerar as várias coisas que eles observam e forma uma regra de conduta.

Na apresentação e discussão dos dados, notei que existem vários factores que influenciam a prática do *lobolo* no contexto urbano actual. Estes factores na sua maioria não são novos, mas sim se repetem, porém, não da mesma maneira como terão acontecidos ao longo do tempo. E a este propósito Peirano (1992) clarifica que há com frequência, um retorno a uma era anterior em busca de textos inspiradores, mas a duplicação ou a repetição nunca é a mesma, pois existe sempre uma nova faceta ou uma solução.

Os resultados do terreno mostram igualmente que na actualidade, o *lobolo* também é uma celebração, símbolo de reconhecimento e união entre as famílias envolvidas, e é o marco de uma nova relação entre elas e principalmente, é o reconhecimento do genro na família da noiva e vice-versa. Assim como nos últimos dias, o *lobolo* tornou-se uma ocasião que proporciona um reencontro entre as famílias que vivem próximos e distantes.

No tocante as percepções dos moradores do bairro Luís Cabral, infiro que a realização do *lobolo* satisfaz primeiro os noivos, que ganham um novo estatuto na sociedade, e em segundo lugar satisfaz os pais dos noivos, e estes comunicam aos antepassados, a quem lhes é pedido a protecção a nova união.

As representações sociais atribuídas ao homem que não *lobolou* (*mukwaxe*) podem influenciar o homem a realizar o *lobolo*, para passar desta condição e ganhar um novo estatuto na sociedade em que está inserida. A questão de honra e o prestígio social na sociedade, influenciam bastante a perpetuação da prática do *lobolo* no contexto urbano. Sem perder de vista o papel preponderante desempenhado pelos mais velhos na perpetuação do mesmo.



PDF
Complete

Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

De salientar que, este é um trabalho exploratório e de pouca duração. Daí que não espero trazer conclusões finais, e é importante ter em conta algumas limitações dado que se trata de um estudo exploratório, e não tendo explorado o campo do *lobolo* a uma mulher morta, ficaram algumas questões por aprofundar, como por exemplo: ouviu-se no terreno, informações segundo as quais no contexto actual da cidade de Maputo, a prática do *lobolo* é socialmente valorizada ao ponto de se exigir o *lobolo* a uma mulher morta antes de ser *lobolada*.

E tendo em conta os objectivos propostos para este trabalho, não se explorou o campo sobre as percepções e as lógicas, que motivam algumas famílias a pedirem *lobolo* a uma mulher que perde a vida no lar antes de ser *lobolada*, que não se realize o seu funeral.

Anexos

Foto (1, 2 e 3). Momento em que se apresenta os elementos escritos na lista do *lobolo* em casa da noiva. Corresponde o que os pais da noiva querem para a realização do *lobolo*. Estes elementos são indispensáveis para a realização do *lobolo*. Estes elementos incluem a roupa dos pais, rapé garrafão de vinho tinto e uma garrafa de 75ml, de vinho branco.







Foto (4). O delegado do noivo recebe uma cabra por ocasião de ter concluído o que se tinha acordado para *lobolo*. A este acto os moradores atribuem o significado de *mugwazo*. O que significa que o genro já cumpriu a promessa e pode levar a sua mulher razão pela qual entregam uma cabra. O animal é sacrificado em casa da noiva, fica metade e outra metade vai para casa do noivo. A este gesto, podemos interpreta-lo como um símbolo do cumprimento do *lobolo*.



8.Referências Bibliográficas

Auge, M. 1975. *Os Domínios do Parentesco*. Edição 70: Lisboa

Bagnol, B. 2008. *Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique*. *Análise Social*. Vol. XLIII (2), 251-272

Batalha, L. 1998. *Emic/Etic Revisitando: Nativo e Antropólogo Lutam Pela Última Palavra*. In *Etnográfica*, Vol.II.

Burgess, Robert. 2006. *Pesquisa no terreno: Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora

Cipire, F. 1996. *A Educação Tradicional em Moçambique*. (2ª edição). Maputo: Publicações EMEDIL

Da Costa, A. 2005. *Género e poder nas famílias da periferia de Maputo*. *Lusotopie*. 12, 1-2, pp. 203-216.

Da Ponte, J. (s/d). *Interacionismo Simbólico: Alguns Desafios*. Centro de Investigação em Educação e Departamento de Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Denzin, N. et al. 2006. *Métodos de Pesquisa o planeamento da pesquisa qualitativa, teorias e abordagem*. São Paulo: 2 edição. Editora ARTMEDIA

Fernando, D. 1996. *A organização social na sociedade tradicional*. Maputo: NDA Projecto de descentralização e autoridade tradicional.

Firmino, G. 2002. *A Questão Linguística na África Pos-Colonial: O caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. Edição PROÓMEDIA

Galiano, G. 1931. *Introdução a Sociologia*. São Paulo: editora HARBRA Ltada

Ghasarian, C. 1999. *Introdução ao Estudo do Parentesco*. Lisboa: Terramar

Granjo, P. 2005. *Lobolo em Maputo: um velho idioma para novas vivências conjugais*. Porto

Godelier, M. 1996. *O Enigma da Dádiva*. Lisboa: Edições 70.

Junod, H. 1996. *Usos e Costumes dos Bantus*. (3ª edição). Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique

- Bessis, S. e Appy, K. 2007. *Direitos de mulher no Moçambique*. Maputo
- Loforte, A. 2000. *Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique*. Lisboa: ISCTE
- Moscovi, S. 1978. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro
- OMM. 1985. *Análise sobre a situação social da Mulher*. Maputo: Documentos da Conferência Extraordinária da OMM, n.º. 6 INLD.
- Palma, G. (2004). *O interacionismo nas investigações linguísticas: características e procedimentos*. Intervenção na Mesa Redonda Inicial do II Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos.
- Palha, F. 2006. *O lobolo e suas implicações para a actual sociedade do sul de Moçambique*. Textos do WLSA e seu olhar para as questões referentes a mulher moçambicana.
- Peirano, M. 1992. *A Favor da Etnografia*. Brasília: Série Antropologia
- Radcliffe-Brown, A e Forde. 2005 [1950]. *Sistemas Africanos de Parentesco e Casamentos*. Trübner & Co.
- Revière, C. 1995. *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Edições 70
- Richardson, R. 1989. *Pesquisa Social: Método e Técnicas*. São Paulo: Editora ATLAS. 2 Edição
- Santana, J. 2009. *Mulheres de Moçambique na revista Tempo: o debate sobre o lobolo (casamento)*. Revista de História, 1, 2, pp. 82-89.
- Scardua, A., e Filhos, E. 2006. *O debate sobre homossexualidade mediado por representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais*, In Universidade federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. Pp.482-490.
- Torre do Vale, D. 2002. *Tradições, sexo e casamentos*.
- Wilsa, M. 1998. *Famílias em contexto de mudanças em Moçambique*. Maputo: C.E.A/Departamento De estudos da Mulher e Género, Universidade Eduardo Mondlane (UEM).